

Proletários de todos os Países, UNI-VOS!



# O Militante



BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## SOBRE AS COMISSÕES SINDICAIS

Por FREITAS

As últimas eleições sindicais, puseram mais uma vez em relevo o importante papel das Comissões Sindicais na condução da luta sindical.

Podemos dizer que em geral, melhorou bastante o trabalho do nosso Partido no que se refere ao esclarecimento e à mobilização dos trabalhadores para os levar à utilização dos sindicatos nacionais na defesa dos seus interesses.

Melhorou também o nosso trabalho de esclarecimento junto das massas para as levar a participar mais activamente na eleição dos dirigentes dos seus sindicatos. No entanto, a existência e a acção das Comissões Sindicais, como organismos legais dos trabalhadores para a coordenação da luta sindical, tem neste problema, uma importância decisiva.

Da experiência colhida no que se refere à acção das Comissões Sindicais duas importantes conclusões se podem já tirar. Em primeiro lugar, as Comissões Sindicais só desempenharam o papel de verdadeiros órgãos de direcção das massas e de seus legítimos representantes quando, em todas as circunstâncias, apareceram sempre a actuar à luz do dia, numa base inteiramente legal. Em segundo lugar, tanto no trabalho à volta das eleições sindicais como na resolução de problemas reivindicativos das massas trabalhadoras junto dos seus sindicatos, as Comissões Sindicais só alcançaram êxitos no seu trabalho quando souberam rodear-se, a todo o momento do apoio e confiança das massas que representavam.

Na realidade, sendo os sindicatos organismos legais de massas e sendo conhecidas as limitações que o fascismo impõe à sua actividade toda a acção a desenvolver à sua volta, para ter êxito, tem forçosamente que se basear numa actividade legal para ter o apoio das massas e para as mobilizar. Pois, como é sabido, sem uma direcção legal não há movimento legal de massas.

As últimas eleições sindicais foram neste aspecto ricas de ensinamentos para os membros do Partido e para as massas. Ali onde as Comissões Sindicais começaram por ser eleitas pelos trabalhadores da sua classe ou, quando isso não tendo sido possível, souberam depois de formadas encontrar o necessário apoio junto das massas e apoiar-se nelas, a sua acção foi quase sempre coroada de êxito.

No entanto nem só de êxitos é feita a nossa experiência. Ela é também feita com os erros que se cometem, sobretudo se sabemos aprender com eles. Vejamos alguns aspectos do trabalho das comissões em que, segundo nós, foram cometidos alguns erros.

### OS COMUNISTAS DEVEM ESTAR NAS COMISSÕES SINDICAIS?

A experiência mostrou que as Comissões Sindicais que melhor trabalho realizaram foram aquelas onde havia menos comunistas. Na generalidade dos casos, os comu-

nistas pela actividade ilegal em que se acham envolvidos não se encontram inteiramente avontada a realizar tarefas legais sobretudo se estes têm certa continuidade como é o caso das Comissões Sindicais. Por isso as Comissões Sindicais devem ter um carácter de unidade o mais largo possível e para isso nada há melhor, pensamos, do que actuarmos para que sejam os trabalhadores, eles próprios, a escolherem os componentes das Comissões Sindicais entre os seus companheiros de trabalho que julguem ser merecedores dessa confiança. Se então algum dos membros da Comissão Sindical escolhida pelas massas for membro do Partido, este deve cessar todas as tarefas ilegais que tenha para ser dos mais decididos membros da comissão na defesa dos interesses dos seus companheiros. Por isto não ter sido, por vezes, justamente compreendido houve casos em que comunistas, membros de Comissões Sindicais, ficaram para trás quando se tratou de fazer diligências, à luz do dia, quer junto dos sindicatos, quer junto das autoridades.

### NAS ELEIÇÕES, DEVEM APRESENTAR-SE LISTAS DE OPOSIÇÃO OU NEGOCIAR A FORMAÇÃO DA LISTA ÚNICA? COMO DECIDIR E EM QUE CIRCUNSTÂNCIAS?

Antes de esclarecermos esta questão, é necessário dizermos que melhorou muito a compreensão das organizações do Partido no que se refere ao modo de encerrar os dirigentes sindicais que não foram eleitos pela classe quer no caso de Comissões Administrativas impostas pelo fascismo quer no caso de direcções que foram eleitas irregularmente contra a vontade da classe. Uma atitude de sistemática hostilidade para com tais dirigentes, em nada servia ou serve os interesses dos trabalhadores.

Sóvo raras excepções os dirigentes sindicais se são trabalhadores, e são no quase sempre, mantêm fortes vínculos com a sua classe de origem e os seus interesses de homens e de trabalhadores, e não de relações com os interesses da classe operária e não da burguesia. Pensemos, portanto, ser justo que os trabalhadores e as suas Comissões Sindicais tenham isto em conta ao pensarem na elaboração de listas para a direcção. Neste caso, pensamos ser justo colocar sempre a questão: qual orientação serve melhor os trabalhadores? Apresentar uma lista de oposição ou negociar com a direcção existente a apresentação duma lista única?

A experiência tem mostrado que é justa uma e outra coisa. Tudo depende de cada caso concreto que importa sempre estudar atentamente. No caso de uma direcção de difícil conquista, pela sua importância e pelo volume de dificuldades opostas



habitualmente pelas autoridades fascistas, como é o caso de determinados sindicatos importantes, será justo que os comunistas aconselhem as Comissões Sindicais a apresentarem uma lista de oposição? Pensamos que nestes casos a lista de oposição só deve ser apresentada depois de esgotadas todas as possibilidades de levar à apresentação duma lista única, através de negociações conduzidas em nome da classe e com o seu franco apoio. Mesmo neste caso os comunistas devem actuar para que a Comissão Sindical não actue isolada da classe que representa para assim poder representar bem a sua classe nas negociações. As organizações do Partido devem fazer sempre tudo para mobilizarem as massas para apoiarem as suas Comissões Sindicais, porque só esse apoio as torna fortes. Esta é uma condição para o êxito.

Colocados perante um problema desta natureza, a acção das organizações do Partido para orientarem as massas da sua classe deve sempre nortear-se pelo princípio de que qualquer conquista neste terreno, por mínima que seja, é sempre um avanço no sentido dos interesses dos trabalhadores. Um êxito, por pequeno que seja, um avanço mesmo limitado, actua sempre entre a classe como um estímulo para novos avanços. Sobre tudo, se ele é alcançado pela acção das massas, estas ficam mais conscientes do valor da sua força e ganham disposição para novas lutas.

Em eleições passadas num importante sindicato de Lisboa, daqueles que pela sua importância o fascismo tudo faz para não deixar triunfar uma lista de oposição, a Comissão Administrativa que se encontrava à frente do sindicato, propôs, já depois de ter sido invalidada arbitrariamente a lista de oposição, que se fizesse um acordo entre ela e a Comissão Sindical para a formação duma lista única com elementos das duas listas. Que fez a Comissão? Recusou pura e simplesmente tal proposta. Podemos dizer que tenha sido justa esta atitude? Não. No nosso entender ela não foi justa. Foi uma atitude sectária que em nada serviu a classe e impediu que um ou dois elementos da confiança dos trabalhadores fosse introduzido na direcção do sindicato. De resto tal proposta só foi feita porque os operários foram em massa à assembleia e a Comissão Administra-

tiva sentiu a sua pressão.

Mais recentemente, num outro sindicato, duma cidade da província, a Comissão Sindical chegou a acordo com o presidente da direcção para o formação duma lista única na qual participaram dois trabalhadores que a Comissão Sindical indicou. Como agiu a Comissão depois disto? Tratou de interessar a classe nas eleições e na elaboração dum caderno de reivindicações pelas quais a direcção a eleger se compromettesse a lutar no futuro? Procurou manter vivo o interesse da classe à volta do sindicato e dos seus problemas? Não, não fez nada disto e é muito provável que a classe tivesse acabado por esquecer a sua existência se é que uma parte dela alguma vez soube que existia Comissão Sindical. O resultado foi o presidente do sindicato, pressionado pelas entidades oficiais e tendo-se apercebido da desligação entre as massas e a Comissão Sindical, comunicou a esta que desistia da combinação feita e que tinha apresentado uma outra lista no momento em que já era tarde para a Comissão Sindical tentar a apresentação duma lista de oposição. A Comissão Sindical que não tinha procurado ligar-se às massas sentiu-se impotente e desautorizada para as mobilizar na luta contra esta deslealdade do presidente do sindicato. Em qualquer destes casos houve responsabilidade da parte de comandados nossos no tipo de orientação aconselhado.

Os exemplos apontados demonstram que para o estabelecimento duma orientação táctica correcta por parte das Comissões Sindicais é necessário que estas sejam verdadeiras Comissões Sindicais de unidade, que gozem da confiança dos trabalhadores, que se apoiem na sua força para a defesa e reforço da sua actividade, que saibam estudar as várias situações que se apresentam e que saibam promover a participação das massas na sua discussão e na procura da orientação correcta a seguir em cada caso. Mas isto só poderá ser levado a efeito se as organizações do Partido levarem a cabo um largo trabalho de esclarecimento sobre a importância dos Sindicatos para a realização da sua unidade e para a conquista de algumas das suas reivindicações mais imediatas e sobre a enorme importância de virarem os seus organismos legais para a actividade sindical, ou sejam, as Comissões Sindicais.

## MAIS ATENÇÃO AOS QUADROS

Por AMILCAR

**Q**UASE todos nós sabemos dizer que são os quadros que decidem tudo, que sem quadros nada poderá ser realizado. Senhores desta verdade, dizemos a todo o momento, e muito justamente, que os quadros devem ser acarinados procurando-se sempre compreender os seus problemas, incluindo os seus problemas pessoais; que se deve sempre ajudar fraternalmente os quadros a vencerem as suas dificuldades e a obterem sucessos no seu trabalho, não os sobre-carregando com tarefas superiores às suas forças e capacidade de realização. Mais dizemos que uma justa política de quadros consiste em colocar cada quadro no seu lugar próprio, distribuindo-lhe as tarefas porque sente mais gosto, colocá-lo lá onde ele se possa sentir mais à vontade e possa, por esse mesmo facto, realizar um trabalho mais proveitoso para o Partido e desenvolver-se mais rapidamente como quadro do Partido, como dirigente de massas.

Tudo isto é muito correcto e não é mais, afinal, do que um pouco daquilo que encerra a orientação do Partido, mas, justo é reconhecê-lo, nem sempre tem sido a norma seguida no Partido.

Em certa medida usava-se, e ainda se usa, um critério único para tratar com os quadros e para resolver os vários problemas que aos quadros dizem respeito. Não se compreendia, e ainda não se compreende suficientemente, que os quadros são seres vivos, são homens, mulheres e jovens e, por isso mesmo, com caracte-

rísticas e modos de ser muito diferentes. Se se aplica um modo único de tratar e de avaliar, sem se olhar à responsabilidade, à característica, ao modo de ser, à própria sensibilidade, os resultados não podem deixar de ser sempre negativos para o Partido e para os quadros.

A capacidade dos quadros, o seu grau de responsabilidade e de desenvolvimento, o seu grau de assimilação e de compreensão dos variados problemas partidários e políticos são também muito diferentes, exigindo, por essa razão, formas muito maleáveis de trato, de crítica, de ajuda e de explicação dos difíceis problemas que a luta nos coloca.

Com os quadros, tanto individual como colectivamente, é imprescindível discutir os problemas e as tarefas a realizar de forma a que todos se sintam seguros dos meios a vir empregar para as realizar com sucesso. E isto só pode resultar se também todos sentirem que as suas opiniões são ouvidas e lidas na devida conta e que participem na escolha dos caminhos a seguir.

Um controleiro, por exemplo, não deverá apresentar-se aos organismos que controla com recatas de antemão preparadas, mas antes como o camarada que liga os organismos mais responsáveis, com os menos responsáveis; como o camarada que leva as indicações e as resoluções dos organismos superiores para serem dis-



cutidas, e não impostas, e para ajudar os camaradas e organismos que controla a encontrarem as formas mais apropriadas à sua aplicação prática. Mas, o camarada controlador nunca se deverá esquecer que não tem apenas que ajudar e ensinar, mas tem também muito a aprender e a ser ajudado pelos camaradas dos organismos menos responsáveis. Para que o controlador possa aprender e ser ajudado parece-nos ser necessário eliminar a concepção errada de que o controlador (quer seja funcionário ou não) é «o responsável», o homem que tem que ser ouvido, e não tem nada que ouvir, o homem que leva nas algebras os papéis que dizem todas as verdades e que apontam todas as soluções. O controlador para aprender tem que ter sempre os ouvidos bem abertos. Mais, ele deve ajudar os camaradas de base a vencerem o seu acanhamento nas reuniões e a fazer um esforço para compreender o que querem dizer, pois muitas vezes esses camaradas simples não conseguem dizer de forma compreensível as suas opiniões e sentimentos. E que riqueza de ideias se perdem muitas vezes por não sabermos, digamos assim, adivinhar o que os simples membros do Partido querem muitas vezes dizer.

E facilitando a discussão dos problemas do Partido, é sujeitando a actividade da direcção do Partido à apreciação de todas as organizações e membros do Partido e também a actividade de todos os organismos dirigentes às organizações de que são responsáveis que os quadros se desenvolvem, que eles sentem que participam em toda a vida política do Partido e que participam também de forma activa na elaboração da sua linha política.

Numa reunião de quadros de uma importante organização realizada recentemente podemos ouvir as seguintes opiniões:

— As tarefas que o controlador punha eram aceites sem qualquer discussão, do que resultava que íamos tentar realizá-las sem convencimento, pois sentíamos não haver à nossa volta um clima apropriado para podermos realizar tais tarefas.

Perguntamos: porque não sentiam um clima apropriado? Pensamos que pela razão de as tarefas distribuídas não decorrerem de uma análise resultante de uma discussão colectiva no organismo que ia ser incumbido de as realizar, mas apenas de uma análise pessoal do controlador e, quantas vezes sem se ter um conhecimento perfeito do meio e dos problemas da empresa ou local a que os camaradas pertenciam.

— O Partido não tem vindo ao encontro dos nossos problemas, não nos tem dado orientação sobre a nossa actividade profissional, etc.

Corresponde isto à verdade? Sim, corresponde. E deverá o Partido interessar-se por tais problemas? Pensamos que sim. Todos os problemas dos quadros do Partido devem interessar o Partido e as suas organizações. Todos os organismos do Partido, e em primeiro lugar os organismos dirigentes do Partido, devem estar atentos aos problemas que preocupam os quadros e procurar em forma de os ajudar a vencer as suas dificuldades. Por outro lado, todo e qualquer membro do Partido que sinta dificuldade em solucionar qualquer problema, mesmo que particular, pode colocá-lo ao organismo a que pertença e pedir uma resposta. Poderá ser que essa resposta não venha a ser a que se esperava, mas isso é uma outra coisa.

— A preocupação não era ouvir e discutir as tarefas, era impôr. Nós íamos também, é claro, para a base com a ideia de não discutir, mas sim com a ideia de impôr o cumprimento das tarefas, disseram aqueles camaradas.

Como já foi analisado pela direcção do Partido, esta forma dogmática de actuação que tantos males causou ao nosso Partido, ainda não está eliminada apesar do combate que se vem travando contra ela principalmente a partir da VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada do Comité Central, realizada em Agosto de 1955. Os chefe-

zinhos, os manda-chuvas que se criaram com tais métodos de trabalho ainda existem aqui e ali. A sua liquidação completa é uma tarefa de todo o Partido. O trabalho colectivo e não o trabalho individual, eis o caminho para o conseguirmos.

— Devemos aproveitar e acarinhar todos os quadros, nunca exigindo tarefas superiores às suas forças, não devemos querer sempre o óptimo porque, dizemos nós, isso é impossível.

Porque colocaram os camaradas este problema? Porque a impaciência, e também a arbitrariedade, leva, por vezes o organismo imediatamente superior, mas quase sempre apenas o controlador, a pôr de lado os quadros logo às primeiras dificuldades que eles não conseguem vencer, logo às primeiras faltas, ou porque este ou aquele faltou a uma reunião por ter ido namorar ou ver um desafio de futebol, etc..

Claro que faltaria uma reunião é muito mau, prejudica o trabalho. Mas, para evitar as faltas parecem-nos ser necessário procurar-se sempre harmonizar as coisas de forma a que quem namore possa namorar, a que quem goste de espectáculos da bola possa ir à bola e ao mesmo tempo cumprir bem os seus deveres do membro do Partido, de comunista.

★ ★

E porque se puseram os membros do Partido da referida importante organização a falar e porque eles sentiram que podiam falar à vontade, criticaram quase sempre justamente os organismos dirigentes do Partido sem esquecerem a crítica ao seu próprio trabalho, apresentaram as suas dificuldades, mas também as suas possibilidades e concluíram que:

«*Faltamos muito na falta de quadros e à nossa volta tantas pessoas a aproximarem-se de nós, a quererem discutir e a lutarem por aí; a vermos mesmo que se querem ligar a nós e nós... nada, não lhes estendemos a mão. Julgamos que só nós somos capazes e, por isso, andamos sempre a queixar-nos com a falta de quadros.*»

E porque discutiram, porque se sentiram verdadeiramente membros do Partido logo resolveram:

— Ligarem-se mais ao Partido através dos organismos a criar e de reuniões a realizar nos vários sectores profissionais;

— Irem procurar conhecer melhor as dificuldades de cada quadro em todos os aspectos que possam interessar ao trabalho do Partido;

— Trabalhar para haver um maior sentido de responsabilidade colectiva e individual;

— Reunir e tomarem decisões sem a presença do controlador;

— Trabalhar para que todos os organismos do seu sector tenham mais autonomia de forma a decidirem por si só o seu raio de acção conforme a orientação do Partido;

— Reforçar as medidas de defesa das organizações;

— Fazer um recrutamento consciencioso e responsável de novos membros;

— Aumentar as receitas do Partido no seu sector, etc., etc..

★ ★

Punhamos todos os membros do Partido a discutir os problemas do Partido nos seus organismos ou por meio de reuniões especiais, e veremos que cada um, mesmo o mais simples, sabe algo que os outros não sabem, logo veremos que todos se ajudarão fraternalmente a vencer as dificuldades e a ir em para a frente; logo veremos a política de quadros do Partido a ter aplicação prática de forma justa e a ser continuamente melhorada; logo veremos que os quadros existem e que serão capazes de realizar tarefas importantes, se cada um for colocado no seu devido lugar; logo veremos como é menos difícil o trabalho e a luta por uma vida melhor.



## Sobre o

## PROJECTO DE ESTATUTOS

Por OLÍVIO

**Projecto de Estatutos** do nosso Partido já foi há algum tempo elaborado e aprovado pelo Comité Central; agora encontra-se editado e amplamente distribuído pelas organizações do Partido. Muitas destas organizações já fizeram o seu estudo, mas muitas ainda principiam agora a fazê-lo. O momento é pois oportuno para sobre ele se fazerem algumas considerações.

Uma leitura pouco atenta e um tanto abstracta do **Projecto de Estatutos** pode levar muitos camaradas a formularem o seguinte juízo: *Isto não é novo! o que aqui se coloca, no fundamental, já era o que o Partido seguia. O Projecto de Estatutos é apenas a colocação em letra de forma, de toda uma série de normas e princípios há muito seguidos e preconizados no Partido, logo o assunto não requer grande estudo nem grande discussão; são coisas sabidas e assentes há muito.*

Um tal juízo é profundamente errado e seria muito pernicioso se se generalizasse.

De facto o **Projecto de Estatutos** do Partido não é senão a colocação em letra de forma das normas leninistas de vida interna do Partido aplicadas ao caso concreto do Partido Comunista Português; normas pelas quais o nosso Partido, porque é um partido leninista, se tem sempre efectivamente procurado reger, ainda que sem Estatutos redigidos e impressos. Aliás, se assim não tivesse acontecido, o Partido, nos seus 36 anos de existência, não poderia ter mantido nem a unidade orgânica nem a unidade ideológica que tem tido e que caracteriza os partidos comunistas como a forma superior de organização da classe operária.

O Partido não teve até hoje Estatutos mas o 11.º Congresso ilegal precisou, no fundamental, as normas leninistas de centralismo democrático que devem presidir à vida interna das nossas organizações, à vida de todo o Partido. Por elas nos temos de facto procurado reger. Grosso erro cometeríamos entretanto se considerássemos que a sua aplicação tem sido sempre feita da melhor maneira.

Não! As normas leninistas de vida interna do Partido têm tido uma aplicação deficiente, tem mesmo em muitos casos sido violadas.

O regime de feróz ilegalidade em que vivemos obrigou-nos a restringir em muitos aspectos a democracia interna do Partido para o defendermos das investidas abertas e encobertas do inimigo. Isto é justo e indispensável se queremos que o Partido viva, para bem da classe operária e do povo; sob o feróz regime fascista. Mas muito daquilo que o 11.º Congresso considerou que era possível levar à prática, mesmo na presente situação, não tem sido cumprido.

A direcção do nosso Partido pensa que no momento actual o que foi preconizado pelo 11.º Congresso ilegal quanto a democracia interna do Partido pode e deve ser aplicado. Pensa mais ainda, que existem até condições para se avançar um pouco. E é precisamente dentro deste espírito que foi elaborado o **Projecto de Estatutos** que agora está posto à consideração de todo o Partido.

Ora, não se tendo aplicado durante os 36 anos de vida do nosso Partido muitas e muitas das normas agora estipuladas com toda a precisão no **Projecto de Estatutos**, é evidente que não podemos considerar esse documento como *proforma* nem o seu conteúdo como *coisa há muito sabida, como coisa que não é preciso estudar.*

O facto de muitas dessas normas (possíveis de aplicar mesmo na ilegalidade) terem sido calçadas durante dezenas de anos não significará que o nosso Partido no seu conjunto, incluindo a sua direcção, não compreendeu durante muito tempo todo o alcance e toda a importância que tem para o Partido dos trabalhadores os princípios leninistas de democracia interna?

Em nosso entender foi isso de facto que aconteceu; o Partido não assimilou convenientemente a teoria leninista, não se compenetrou de toda a sua importância, nem da grande necessidade da sua aplicação. Por isso em muitos aspectos não a levou à prática, por isso não fez todos os esforços necessários para encontrar maneira de a aplicar mesmo em regime de ilegalidade.

Agora que estamos conscientes desta deficiência, agora que vemos claro os prejuízos que ela nos causou, que fazer?

Lermos o **Projecto de Estatutos** e depois guardarmos-lo numa gaveta como *coisa já há muito sabida e que não é preciso estudar?*

Não, camaradas, não é isso que devemos fazer. Nós fizemos uma aplicação deficiente das normas do centralismo democrático, nós violamos as normas que tínhamos estabelecido como possíveis de aplicar mesmo em regime de ilegalidade porque esses princípios não eram para nós *coisa já há muito sabida*, porque não os havíamos estudado nem assimilado tanto quanto era necessário. E isso agora que precisamos de fazer. Ler, estudar, discutir e assimilar o **Projecto de Estatutos** (e criticar se entendermos que o devemos fazer) eis a tarefa urgente e imperiosa de todo o Partido.

Nada de metermos o **Projecto de Estatutos** na tal gaveta. Onde temos de o colocar é nas nossas mesas de estudo, é nas nossas mesas de reunião; aí, sim, é que ele precisa de estar.

Na VI.ª Reunião Ampliada do nosso Partido: pôs a nu uma séria deficiência que grassava no seu seio e que vinha de há muito prejudicando a influência do Partido entre as massas: o **sectarismo**. Nessa mesma ocasião ficou demonstrado que uma das causas por que esse terrível mal nos atacou foi a ausência de trabalho colectivo e de democracia interna na vida do Partido.

Posteriormente, e com o poderoso auxílio que nos prestaram os materiais do XX.º Congresso do PCUS e de outros partidos irmãos, o nosso Partido pôs a nu mais uma séria deficiência que grassava, também com sérios prejuízos, nas nossas fileiras: o **culto da personalidade**. Tal como sucedeu em relação ao sectarismo, o Comité Central constatou que no aparecimento e desenvolvimento desta deficiência teve profunda influência a não aplicação das normas leninistas à vida interna do Partido.

Temos pois que as duas mais sérias deficiências que afectam o trabalho e o desenvolvimento do nosso Partido no momento presente, deficiências contra as quais o nosso Comité Central está a procurar mobilizar numa luta sem quartel todo o Partido, se radicam, ambas, na deficiente aplicação e por vezes mesmo na violação das normas leninistas do centralismo democrático.

Que fazer para eliminar com rapidez estas deficiências que tanto mal nos causam?

Em primeiro lugar, estudar e assimilar rapidamente os princípios leninistas de democracia interna e de trabalho colectivo no Partido.

Em segundo lugar, aplicar esses princípios leninistas a toda a vida e actividade do nosso Partido, tendo em conta, evidentemente, as particularidades nacionais e a situação especial criada pela ilegalidade.

E como poderá cada organização, cada célula do Partido, cada camarada individualmente, materializar a orientação contida nestes dois pontos?

Cada organização, cada camarada individualmente, pode fazê-lo: 1º) estudando e assimilando o **Projecto**



de Estatutos (1) que não é senão a colocação em letra de forma, como acima se diz das normas leninistas de vida interna do Partido aplicadas ao caso concreto do Partido Comunista Português; 2º) aplicando na sua actividade partidária as normas estipuladas pelo *Projecto de Estatutos* que são as normas leninistas que a direcção do nosso Partido entende que mesmo na ilegalidade podem e devem reger, com as ressalvas apontadas, a vida interna do Partido (2).

Se todas as organizações e todos os camaradas do nosso Partido se esforçarem por proceder desta maneira, as deficiências que neste momento afligem o nosso Partido serão eliminadas muito mais fácil e rapidamente. O *Projecto de Estatutos* é uma preciosa arma de combate contra eles. Avante pois no estudo e na

aplicação do *Projecto de Estatutos*!

1. — O estudo do *Projecto de Estatutos* seria altamente proveitoso se fosse acompanhado do estudo de outros materiais que tratassem do problema do centralismo democrático e da direcção colectiva, tal como o *Informe de Organização* ao II.º Congresso ilegal apresentado pelo camarada Duarte, a obra de Lênine *Que Fazer?*, etc.

2. — Quando o *Projecto de Estatutos* for discutido, emendado (se de tal houver necessidade) e aprovado por todo o Partido já não será apenas a direcção a entender que aquelas normas são as que devem reger o Partido, mas será o próprio Partido, em todo o seu peso, a entendê-lo e a querê-lo.

## AINDA SOBRE O ESTUDO

Por FERNANDA

MUITO e muito se tem dito sobre o estudo, e no entanto, todos nós sabemos que ainda existe muita relutância em estudar. Porquê?

Será que ainda não se disse o suficiente? Será por dificuldades pessoais? Será por simples preguiça mental? Julgo, camaradas, que além de todas estas possíveis razões ainda outras temos de acrescentar.

A meu ver, camaradas, na prática, no nosso Partido ainda se não soube ensinar a estudar, ainda se não criou por isso em todo o Partido o entusiasmo pelo estudo. Senão vejamos. Sempre que um novo material é editado ele é, regra geral, precedido deste simples conselho: «*Estudem camaradas e mandem as vossas opiniões*». «*O Partido necessita da vossa contribuição*». Isto tudo, é inteiramente justo, mas penso que por si só não chega.

Neste momento em que no nosso Partido se está procedendo ao estudo de dois valiosos materiais, que merecem o nosso mais vivo aplauso, é indiscutível que cada membro do Partido se deveria pronunciar sobre esses problemas. Mas as dificuldades encontradas no seu estudo não permitem que nos pronunciemos com a profundidade e rapidez que seriam necessárias para levarmos à prática a orientação ali traçada. Refiro-me, camaradas, à «*Situação Política Actual e a Posição do Nosso Partido*», e ao «*Projecto de Estatutos*».

Tomemos este último: Estaremos nós bem conscientes de toda a sua importância e de sua absoluta necessidade para toda a vida do nosso Partido?

Ter-nos-emos nós apercebido de que os Estatutos do Partido são a aplicação dos princípios marxistas-leninistas de organização aplicados ao nosso Partido? Princípios esses que cada membro do Partido deveria dominar, quanto mais não fosse na sua generalidade, para poder realizar conscientemente todas as suas tarefas.

No entanto, camaradas, um material de tão grande importância chegou às nossas mãos e chega certamente às mãos da maioria dos membros do Partido sem quaisquer explicações que pudessem facilitar o seu estudo. Não teria sido uma ajuda, se se tivesse editado juntamente com este material uma nota onde se expli-

casse o que significa os Estatutos do Partido? Nota onde se citassem os materiais a consultar e estudar para a sua mais fácil assimilação, de maneira a que quando nos pronunciássemos pudessemos fazê-lo bem conscientes de toda a responsabilidade que assumimos? Isto, camaradas, porque os Estatutos do nosso Partido, uma vez aprovados, quaisquer que sejam as nossas debilidades e dificuldades, teremos de cumprilos.

Também penso, camaradas, que para realizarmos um estudo proveitoso, temos necessidade de polemizar com nós mesmos, isto é, interrogarmo-nos a nós próprios e só na medida em que nos apercebermos das dificuldades que temos em responder a essas questões, iremos em busca dos materiais que necessitamos para o seu estudo.

Para podermos ser perseverantes no estudo, julgo que ao contrário do que se pode supor, temos de nos convencer de que o estudo é realmente um trabalho complexo, porque se não arriscámo-nos a descoroçar e a perder a perspectiva pelo simples facto de não termos compreendido determinados problemas à primeira e segunda leituras levando-nos a abandonar essa tarefa.

Devemos sempre ter presente os conselhos que o nosso mestre Lênine dava ao fazer uma conferência perante estudantes numa Universidade. Lênine ensinounos que para compreender os problemas mais difíceis ou pouco claros, é necessário estudá-los uma, duas, três e quatro vezes, isto é, até estermos seguros deles de forma a poder discuti-los a todo o momento e com qualquer pessoa.

Julgo, camaradas, que cada membro do nosso Partido se deveria debruçar sobre as dificuldades que encontra no estudo e pedir o auxílio de que julga necessitar, as formas que melhor o podiam ajudar, porque não podemos pensar que só a Direcção do nosso Partido nos pode ajudar e que essa ajuda consiste em formas feitas. É necessário que também nós demos a nossa contribuição para a solução destas dificuldades. Só assim faremos avançar o estudo em todo o Partido que não é só necessário é a todos os militantes para a elevação do seu nível político e ideológico.

## O TRABALHO COLECTIVO DESCOBRE OS QUADROS QUE O PARTIDO NECESSITA

Por VASCO

A VI.ª Reunião Ampliada do Comité Central do nosso Partido, apontou algumas deficiências graves no terreno de organização, assim como indicou o caminho pelo qual nós, militantes comunistas, nos temos que lançar audaciosamente não só para vencermos essas dificuldades naturais que o trabalho tem, mas ainda, e aci-

ma de tudo, para liquidarmos o vício do trabalho individual de officina sectária, que tem estado e está ainda a dificultar que o Partido avance mais resolutamente para a frente.



O caminho apontado na VI.<sup>a</sup> Reunião Ampliada é o do trabalho colectivo, é o da criação de organismos vivos lá onde tenhamos condições para os criar e onde não tenhamos condições imediatas há que criá-los.

Naturalmente que esse trabalho colectivo não cai do céu aos trambolhões, somos nós, comunistas, e militantes, que o temos de criar e, sendo assim, não devemos poupar esforços porque a experiência da nossa actividade diária diz-nos sempre que só com trabalho colectivo é que o Partido pode cumprir as suas tarefas, que dia a dia se multiplicam, e porque é, em primeiro lugar, um princípio basilar do marxismo-leninismo, que tem provado a sua grande eficácia no trabalho prático de todo o movimento operário internacional. Agora alguns exemplos que importa salientar e nos mostram com toda a nitidez que o trabalho colectivo desenvolve o Partido e descobre os quadros.

Vejamos então: em determinado sector a actividade do Partido resumia-se na distribuição do *Avante!*, e mesmo assim, essa actividade era feita duma maneira deficientíssima pois da imprensa que seguia para o sector quase metade ficava engatada, não era distribuída. No entanto houve camaradas que durante meses não receberam o *Avante!*, outros estiveram dois anos sem que o jornal lhes chegasse às mãos e uma secção duma empresa deste sector esteve completamente desligada durante dois anos, contudo havia e há um número bastante elevado de camaradas. Nesta mesma empresa o recrutamento não tinha lugar, passando se anos, salvo um ou dois casos, sem vir ninguém ao Partido; quadros para levar o trabalho para deante também dava a impressão de não existirem.

Sem dúvida que houve muitos factores que contribuíram para esta situação, mas a raíz fundamental destas graves deficiências no trabalho do Partido, residia na falta de controle de execução, na pouca ajuda aos quadros, e desta maneira se abriram as portas ao tipo de trabalho individualista, do *eu sou o Partido*, que criou essa desoladora situação.

Tem lugar depois o período de reorganização. De início os camaradas resistiam a vir a reuniões, mais

porque estavam viciados no trabalho individualista, do que por qualquer outra razão: Havia portanto em primeiro lugar que despertar nos quadros o interesse pelo trabalho colectivo e assim se fez. Começou-se com encontros de 2 e 3 camaradas, só para esclarecer os da importância do trabalho colectivo e atraí-los a esse trabalho, depois destes encontros começaram a aparecer com frequência embora um ou outro camarada continuasse a faltar. Iniciaram-se depois reuniões de quadros, elegeu-se um organismo de secção numa empresa muito importante que logo começou a ter vida com reuniões da sua iniciativa. E então os resultados não se fizeram esperar, pois os efectivos do Partido nesta secção aumentaram num curto espaço de tempo 100%, assim como se lançou noutras iniciativas que já estão a ser levadas à prática com êxito, por outro lado já se agarraram alguns camaradas desligados, e entrou-se em contacto com a secção desligada. Hoje, e em resultado do trabalho colectivo os quadros sendo duma maneira geral os mesmos parecem completamente diferentes, pois o seu estado de espírito é bastante animador, deixaram de faltar, e andam lá entusiasmados com o trabalho. Mas ainda não que diz respeito ao trabalho do Partido no sector, e, do ponto de vista geral, também há perspectivas que não tardarão a dar os seus frutos.

Ao apontarmos estes pequenos êxitos, queremos mostrar a todos os camaradas que é de facto por este caminho que nós devemos prosseguir sem desalencamentos. Os obstáculos serão vencidos progressivamente, através da luta contra o trabalho individual e sectário, através da luta contra o falta de confiança nas massas, através da luta pelo trabalho colectivo.

Tudo isto camaradas, nos mostra também o muito que temos de trabalhar, vamos encontrar dificuldades, obstáculos difíceis de vencer, e devemos ter isso em conta, mas se nos lançarmos na luta com entusiasmo, e é o que vamos todos fazer, disso temos a certeza, todas essas dificuldades, todos esses obstáculos serão vencidos pelo dinamismo de nós, comunistas.

**Avante por um melhor trabalho colectivo!**

## Debate de ideias

**Abrimos hoje uma secção nova em «O Militante» «DEBATE DE IDEIAS», que se destina a ser tribuna de todos os militantes do nosso Partido. Nesta secção publicaremos e comentaremos as opiniões das camaradas acerca da vida e actividade do nosso Partido e dos acontecimentos nacionais e internacionais. Aguardamos, pois, a colaboração de todos os membros do Partido.**

## UMA INTERVENÇÃO NUMA REUNIÃO DE QUADROS

**O** que a seguir se diz é ou pretende ser Por **ALMADA** muitos de nós muito pela rama) e aceitamos esse apenas uma pequena contribuição para a discussão de uns tantos problemas da vida do nosso Partido. Está certamente cheio de deficiências, mas ler o mérito de ser um esforço sincero para expor alguns pensamentos que me ocorreram e que, se não forem justos, servirão pelo menos para mostrar então alguns erros e más interpretações que podem surgir presentemente. Celados é que não devemos ficar, quando acontecimentos tão intensos exigem que todos nós demos uma contribuição para a sua resolução, ainda que modesta.

É difícil encerrar com aspecto absolutamente geral as questões que a seguir focerei. Muitas das nossas opiniões variam conforme o ponto donde partimos. Ora nós — refiro-me aos amigos deste nosso sector — habitamos na classe média, e estamos por todos os lados rodeados pelo espírito da média burguesia. Como viemos nós até ao Partido? Alguns por motivos morais, intelectuais e até sentimentais; outros por sentirem ser aí o seu lugar na luta contra o fascismo em que vivemos quase desde que nascemos; quase todos por ambos os motivos. Conhecemos o marxismo (verdade seja que

o método, que verificamos ser a correcta interpretação das leis que regem a evolução do mundo, quer sob o aspecto social quer sob outros aspectos que, como método científico nos permite dominar no presente os fenómenos sociais e no futuro prever o seu desenvolvimento, controlar este mesmo desenvolvimento e estimulá-lo, dum modo racional e consciente. Parece até que através do marxismo a humanidade toma consciência de si própria e do seu desenvolvimento.

O operário e o camponês acorrem ao Partido porque vêm nele a arma para a conquista de uma vida mais justa e derrubamento da ordem capitalista. O marxismo tem para eles a sua aplicação palpável no Partido, a via para a satisfação dos seus naturais anseios. Não podia deixar de ser assim, uma vez que as classes operária e camponesa são as mais expoliadas, aquelas a quem são cortados todos os caminhos da vida, e o marxismo defende um desenvolvimento harmonioso da sociedade, sem classes expoliadas. Parece-me que os Partidos Comunistas são a forma de que se revestiu a organização das classes trabalhadoras e pela qual es-



ia imensa maioria dos homens, empurrados pelas condições económicas, podem por sua vez influenciar o mundo que os cerca.

Mas analisemos agora este aspecto da questão: a da ligação ou identidade entre as classes operária, camponesa e intelectual marxista, por um lado, e a organização partidária, pelo outro.

Em princípio, o Partido é o próprio povo, é uma organização saída do povo, como o fruto da árvore que o gera. Isto no geral está certo, e estará ao longo do tempo, na linha geral da sua conduta. Mas o Partido é constituído por homens, e a sua vida manifesta-se materialmente pelas acções destas mesmas pessoas, em todos os escalões da sua organização. E os homens estão sempre sujeitos a erros.

É claro que a organização de um Partido Comunista está montada de forma a poder ser o mais fielmente possível intérprete do sentir do povo. A ligação às massas, a crítica, a auto-crítica, o controle de execução e a direcção colectiva parecem-nos factores mais importantes para garantir aquele fim. Mas as medidas práticas que se tomam para realizar os diversos tarefas são executadas por homens e estes podem ser mais ou menos lúcidos, podem estar sujeitos a uma crítica ou a um controle maior ou menor, podem estar em maior ou menor grau ligados às massas. E daqui resulta que em dado momento a posição do Partido pode ser injusta.

Deste facto, uma vez admitido, parece que podem resultar algumas consequências:

1 — não é automaticamente que os partidos comunistas seguem a linha justa do desenvolvimento da sociedade e podem portanto afastar-se dela em maior ou menor grau.

2 — a confiança no Partido não pode ser a aprovação incondicional de todas as suas palavras de ordem, e a aceitação passiva das directivas.

3 — cada militante tem de sentir, pelo menos para os actos fundamentais da vida partidária, uma identidade entre a linha do Partido e o seu próprio modo de pensar. Cada militante deverá ter a preocupação — digo que é esse mesmo um dos seus deveres mais importantes — de atingir uma adesão consciente e perfeita com todas as palavras de ordem do Partido. Para atingir este objectivo terá de ser dispendido por vezes um grande esforço: é necessário que todos os militantes, vencendo hábitos antigos, sentimentalismos, etc. lutem em duas frentes na procura do caminho justo. Lutar numa frente contra si próprios, na medida em que as suas incompreensões, falta da cultura ideológica, falta de ligação às massas etc. o possam impedir de ver as questões com justeza; lutar noutra frente contra todas as forças exteriores que o possam impedir de manifestar livremente ou por qualquer forma emoleçam a rudeza da crítica. Agrupo nessas forças exteriores o respeito, a consideração e o prestígio do Partido. A justeza de posições passadas, o valor de serviços prestados, não nos devem impedir de a cada instante analisar os factos e as pessoas pelo que valem no momento. E se sobre qualquer assunto não houver acordo, a discussão deverá ser levada até ao fim, completamente até ao fim. Qualquer camarada, controlador ou controlado, deverá sempre defender intransigentemente, enquanto não estiver convencido do contrário, o seu ponto de vista, e tomar-se medidas para alargar a discussão para fora do organismo, se tal for necessário. Isto, claro, sem quebra da disciplina partidária, no que respeita à execução. Vejamos outros aspectos.

O Partido não pode andar atrás das massas, mas deve, pelo contrário, ir à frente e ser o seu guia. Pode suceder que uma dada directiva lançada pelo Partido em certo momento tenha um entusiasmo e poio das massas por essa directiva existir já em estado latente na mente de cada trabalhador, embora este não tivesse ainda a percepção nítida do facto nem o soubesse exprimir claramente. Mas também pode suceder que uma dada directiva do Partido, embora inteiramente justa (no sentido de bem intencionada e louável) não encontre compreensão nas massas e não seja portanto ade-

quada para o momento. O que se diz em relação às massas pode dizer-se também em relação a muitos membros do Partido.

Por exemplo: a colectivização das terras, a luta contra a religião, ou até num campo muito mais elementar, a luta contra o desporto que hoje se pratica, são coisas justas. Mas o modo de actuar, a maior ou menor intensidade das medidas e o andamento dessa luta podem levantar grandes discordâncias.

Por outro lado o Partido tem necessidade duma disciplina férrea e duma unidade absoluta.

Em que medida é que as restrições anteriores do confiança e aceitação das directivas não virão prejudicar a unidade e a disciplina? Parece talvez à primeira vista que para andar para a frente, para manter a disciplina rigorosa e a unidade era mais fácil a Direcção impor directivas e as camaradas, mercê da sua grande dedicação, confiança ilimitada e fé no futuro andarem para a frente sem saber mais nada. Este ponto de vista parece-me que foi seguido muitas vezes no passado e, embora houvesse sempre inteira liberdade de discussão, a verdade é que sectarismo dum lado e por outro o desejo de não empalar o trabalho com discussões, ou receio de críticas ou sanções, impediram muitos amigos do fazer vingar o seu ponto de vista, que pelo menos algumas vezes, poderia ser justo.

E contudo, amigos, a inflexibilidade, a intransigência, a firmeza têm de ser características de todos os membros com funções directivas no Partido! Harmonizar estas qualidades com a compreensão, a clareza de ideias, a ausência de sectarismo, exige um esforço que representa mais um degrau a vencer por cada um de nós para ser capaz de estar à altura de acompanhar a evolução do nosso Partido, a evolução das condições de luta, a evolução da própria consciência do povo trabalhador, dia a dia mais complexa e exigente.

A QUESTÃO DA HUNGRIA vem tornar bastante mais vivos alguns problemas que existiam no estado latente, e obriga-nos a rever os acontecimentos e atitudes.

Como podemos nós fazer ideia dos factos passados na Hungria? Ao nosso dispor estão a imprensa reaccionária, nacional e estrangeira, e a Rádio Moscovo.

É evidente que conhecemos a baixeza moral, a canalicidade da cederia do capitalismo e dos seus agentes. Vimos muitos exemplos disso no passado e estamos vendo no presente. Os métodos são tão grosseiros, que mesmo pessoas anti-comunistas não deixam de reconhecer que o nosso governo (e outros) aproveitem a ocasião para propaganda sua e canalizar em seu proveito os sentimentos que possa haver em jogo. Não deixa de ser interessante frizar que as fotos publicadas nas revistas estrangeiras ou as actualidades cinematográficas não correspondem ao palavrado com que são acompanhadas: o mais que conseguem apresentar são figuras de destruição nos edifícios e veículos, e gente morta. As fotos com acção flagrante de selvajaria — as únicas que conseguem — são precisamente aquelas em que as vítimas são os comunistas (qualquer pessoa o pode confirmar consultando todos os números da revista francesa *Match*, que é do mais reaccionário que há). Mas bem, poderemos nós afirmar que tudo o que relatou a imprensa reaccionária era mentira? Creio que não.

A Rádio Moscovo, por outro lado, creio que não tem dado explicações suficientemente claras nem suficientemente abundantes. Nos primeiros dias manteve um quase silêncio e depois pouco a pouco foi aumentando o tempo destinado a estes acontecimentos. Julgo que na sua apresentação dos factos tem pecado por um defeito que também constei em tempo no nosso Partido: dar muito relevo aos factos positivos e dar pouco relevo aos factos negativos. Já vi alguns amigos defenderem acaloradamente este método, que não vou analisar agora, mas que pelo menos encerra o perigo de conduzir a armagas desilusões. Em especial, a Rádio Moscovo dá bastante relevo à intervenção reaccionária fascista, fomentada do exterior e pouco releva aos erros cometidos pelos nossos camaradas húngaros.



a soviéticos e à posição tomada por importante fracção do povo húngaro.

«Na verdade, os acontecimentos do Egipto têm aspectos mais importantes no que respeita à paz mundial e estão cheios de consequências que podem vir a ter uma influência muito grande no desenrolar da política mundial. Porque é então que nós damos tanta importância aos acontecimentos da Hungria e mal falamos do Egipto? É que na questão da Hungria estão postas em jogo muitas das nossas ideias base, e para nós, comunistas, esses acontecimentos têm significado especial. Houve erros, ou não houve erros? Se houve, foram motivados por abandono de princípios, ou apenas se tratou de erros de tática? O nosso desejo de conhecer os erros e as condições em que se tornaram possíveis não deriva de derrotismo ou vontade de abandonar uma causa que sabemos firmemente ser justa; deriva sim da vontade de restabelecer clareza nas ideias e confiança nos métodos, porque vimos nestes últimos tempos serem publicamente denunciados certos erros dentro dos países socialistas, erros esses que muitos de nós considerávamos há muito benidos e inexistentes no presente.

Falou-se atrás na dificuldade em fazer uma ideia nítida dos acontecimentos. Contudo há umas linhas gerais que todos conhecemos e parece estarem definidas:

— Houve da parte dos dirigentes da República Popular da Hungria vários erros na condução da vida do país (que eu julgo serem consequência do tipo de relações entre a URSS e a Hungria e dos erros existentes na própria URSS) e que provocaram forte descontentamento em todas as camadas da população.

— Em seguimento a uma evolução na política interna do país tendente a restabelecer uma maior justiça na solução dos problemas, houve fortes manifestações populares, parece que devido ao facto dessa evolução não se dar com a presteza que era necessária e haver possivelmente elementos que a ela se opunham.

— Esta movimentação popular foi aproveitada pelas forças reacçãoárias existentes no país para tentarem restabelecer o seu domínio. Parece que estas forças receberam auxílio material do exterior, e pelo menos propaganda a jorros deve ter sido lançada quer pela rádio americana, quer papelinhos, etc.

— Imre Nagy constituiu um governo. Mas foi evidente que acabou por fazer tantas concessões que o seu governo em breve parecia mais reacçãoário que progressista. Pareceu-me, pelo que li, que se abriu rapidamente a porta à reacção. Formou-se um outro governo que pediu a ajuda da URSS ou foi a URSS que promoveu a formação deste governo para sustentar a evolução que os acontecimentos estavam a levar? A verdade é que a URSS interveio depois e até agora mantém-se o governo de Janos Kadar.

— Parece também que, embora a luta armada tenha cessado, permanecem muitas dificuldades e há fortes reacções na população.

— Há finalmente o incidente Nagy-Jugoslávia-Roménia.

Na apreciação de todos estes acontecimentos podemos por já de parte uma questão, que é a de saber se é legal ou não é este ou aquele facto. Interessa-nos saber se foi justo no que respeita à defesa do socialismo e do bem estar dos povos.

O facto de a própria Rádio Moscovo nos informar de que parte do operariado e estudantes linha sido arrasada pelos provocadores, embora mais tarde percebesse o logro, o facto de a greve que se deu já sob o governo Kadar ter sido mais ou menos geral e as dificuldades que Kadar tem lido na reorganização do país e ainda outros factos que julgo não serem totalmente inventados, mostram que grande parte da população tomou posição negativa em face do regime. Parece que também há um sentimento relativamente forte contra a presença de tropas soviéticas no país.

Que significa isto? Ter-se-iam os nossos amigos soviéticos e o Partido Comunista Húngaro transformado em carrascos do povo? Teriam afinal de contas falseado tudo aquilo porque lutamos? Não, amigos, julgo que podemos afirmar convicentemente que não. O sistema soviético, com erros ou sem erros, é um sistema socialista e nele não existem já as forças que impelem ao

domínio do homem pelo homem. Todo o passado e o próprio presente nos mostram que a linha seguida pela URSS nas suas relações com o resto do mundo é justa, embora possa ter havido erros momentâneos de tática, erros estes que em nada afectam o carácter geral do seu procedimento. Se pensarmos detalhadamente no que é a URSS chegamos em breve à conclusão de que são absurdas estas perguntas.

Os primeiros apelos de Nagy pela rádio, os apelos de Kadar, as declarações soviéticas usavam a linguagem sincera dos comunistas e eram impressionantes pela angústia que revelavam. Segundo a imprensa diária, alguns manifestos lançados pelas tripulações dos tanques soviéticos diziam:

«Nós não vos queremos roubar nada. A nossa Pátria tem tantas terras que nem sabemos que fazer delas! Nós lutamos contra a provocação fascista e os nossos também tombam mortos! Nós queremos ajudar a Hungria!»

Mas porque é que apesar de tudo, a população não aderiu e continuou a fazer oposição? Porque é que sentimentos tão fortes a agitaram e pegou em armas? Teriam sido apenas os fascistas que vieram do exterior e mais meia dúzia de vadios? Não parece.

Na verdade sabemos que verdadeiros fascistas erraram muita gente.

Só um fascista ou um inconsciente político poderá desejar substituir o auxílio soviético pelo auxílio ocidental capitalista, e houve quem o pedisse claramente!

Isto é para nós um índice muito claro, porque nós sabemos perfeitamente o que é o capitalismo, o que é a civilização ocidental e temos perfeito conhecimento dos seus processos e respectivas consequências na vida do nosso povo. E não só do nosso povo, mas do povo espanhol e do povo americano.

Mas a existência de fascistas na Hungria não explica tudo. Das próprias dificuldades que ainda subsistem, parece-me que podemos concluir que:

— ou a percentagem de horlystas e inconscientes é enormíssima,

ou houve outros elementos, não horlystas e inconscientes, que intervieram activamente nos acontecimentos.

De qualquer das formas há a constatar que houve um péssimo trabalho dos nossos amigos comunistas húngaros durante a dezena de anos em que ocuparam postos directivos na Hungria. Este é o ponto fundamental. Aqui também deve ter havido numerosos e graves erros de tática e mesmo talvez erros de incompetência na resolução de alguns problemas. Não conheço pormenores, mas pode pensar-se que o tipo de relações entre a URSS e a Hungria influenciaram desde o começo os acontecimentos.

Penso que o culto da personalidade e o consequente abandono de certas normas democráticas, a existência de sectarismo e a base errada em que pareceu estar durante muito tempo o tipo de relações entre a URSS e os outros países de democracia popular estiveram na base desses erros.

Estas relações parecem ter estado durante muito tempo neste pé: a URSS estabelecia determinadas directivas e os outros países socialistas e os partidos comunistas dos países respectivos tratavam de as levar à prática apenas pelo simples facto de a URSS as ter lançado. É evidente que a política soviética tem sido justa no seu conjunto, mas pode ter certas deficiências; e mesmo que as não tenha, é necessário em cada país estudar as suas condições particulares, e não aplicar de chapas as receitas. Existe o tal problema de poder ser inteiramente justa uma dada directiva, mas que em dado momento a situação geral do país, o grau de consciência política das diversas camadas populares, a correlação de forças, etc. não tornarem oportuna a sua aplicação. E neste caso a persistência nesse rumo pode levar a graves incidentes por incompreensão de grossas camadas populares, nas quais podem estar mesmo muitos amigos nossos e levar a uma situação de caos e exacerbar os ânimos. Podem mesmo dar-se coisas dentro dos nossos amigos, que os leve a situações extremas de luta uns contra os outros, embora — e isto é que torna a questão mais dramática — todos desejem o mesmo, a instauração dum verdadeiro regime socialista.



As causas da situação da Hungria, a meu ver, foram não só da responsabilidade dos camaradas húngaros, como também dos camaradas soviéticos.

Há razão para grandes alarmes ou para pânico? Creio que não, amigos. Poderão sentir pânico aquelas pessoas que pensavam existir sistemas perfeitos, os idealistas que viveram em torres de marfim, afastados da luta do dia a dia do Partido. Aqueles que tinham, ainda que modestamente, acompanhado a luta do nosso ou dos outros partidos, sabem que existem muitos erros na luta do dia a dia, mas que deles também se tiram dia a dia ensinamentos fundamentais que evitam a sua repelição e que tornam cada vez mais eficaz a sua acção e cada vez mais rápido o andamento no caminho a percorrer.

Não podemos julgar que Marx, Engels ou Lênine (e porque não citar também as contribuições positivas de Stáline?) disseram tudo, e agora apenas se trata de aplicar as receitas que nos deixaram. Não.

O conhecimento marxista — que interpreta ele próprio as leis da evolução geral do Universo — não está acima dessas leis. Nada há de definitivo, tudo está em permanente evolução e os erros nem sempre são sinal de regresso, mas sim a fase que precede a aquisição de uma nova parcela de verdade que vem ampliar o conhecimento já existente. Tem sido este o caminho seguido pelo nosso espírito desde crianças até que morremos, e este o caminho seguido na aquisição do conhecimento científico em todos os sectores da actividade humana.

Muitos de nós estamos sob o efeito de espanto por terem sido possíveis certos erros. A verdade é que os erros só espantam depois de terem sido denunciados; nessa altura a todos parece evidente o que tempos antes ninguém se apercebia era apenas de um modo vago. O facto de estarmos aqui discutindo todas estas questões, deve dar-nos já uma certeza de que passamos ou estamos passando um novo degrau para atingir o socialismo. Os informes e demais documentos soviéticos também nos mostram terem os nossos camaradas ultrapassado os erros passados.

Isto é verdade. Mas estas coisas não são instantâneas. Terão de facto os nossos camaradas soviéticos superado inteiramente os erros que estão já denunciados? Os acontecimentos têm andado vertiginosamente nestes últimos meses e para nós é ainda difícil avellar a maior ou menor justiça na sua resolução. Como fazer ideia justa acerca da Hungria, da posição soviética em face deste país, da Jugoslávia e da posição soviética em face deste país, da Polónia, da Roménia, da Albânia? Muitos de nós hesitamos entre o ser pouco agudo na crítica ou ser terrivelmente injusto e ingrato. Embora em 1939 não estivesse muito dentro do assunto, parece-me que também nessa altura houve muita gente desorientada com as *sete-fartas* ou pelo menos a *agressão* contra a Finlândia, com a *atuação* com os nazis, etc. Isso hoje já está claro e todos reconhecem a justa orientação soviética. Mas na verdade, muitos dos acontecimentos actuais estão ainda insuficientemente esclarecidos.

## ALGUMAS OBSERVAÇÕES DA REDACÇÃO

A intervenção que atrás publicamos encerra muitas ideias justas e toda ela está subordinada a um propósito honesto e legítimo de esclarecimento sobre importantes problemas da vida partidária. Expõe, entretanto, pontos de vista que nos merecem alguns reparos.

O autor da intervenção manifesta não compreender bem o centralismo democrático. Assim, hoje e perante os erros do passado, não se trata de «*restrições de confiança*», de «*restrições na aceitação das directivas*». Há que, neste domínio também, restabelecer os princípios marxistas-leninistas. De acordo com esses princípios, a confiança que o Partido Comunista exige dos seus membros não é nunca uma confiança cega, mas uma confiança esclarecida, vívida, para que seja uma confiança verdadeiramente firme, que não caia ao primeiro embate. Daí resulta que o Partido não quer que os seus membros sejam automáticos, passivos, meros cumpridores de ordens. Em primeiro lugar, as directivas são elas próprias o resultado das discussões colectivas travadas no seio do Partido, de base ao todo. A linha do Partido não é elaborada somente pelo núcleo dirigente e imposta depois a todos os seus outros membros. A linha do Partido deve ser elaborada por todos os militantes. Da mesma maneira, o debate de ideias, amplo e livre, não está em contradição com a unidade e a disciplina. Pelo contrário, o debate de ideias é condição necessária para que a unidade e a disciplina se desenvolvam e fortaleçam: quanto mais esclarecidos, quanto mais participantes na vida do Partido, mais unidos e disciplinados teremos. Evidentemente que não podemos ficar eternamente na discussão, «*como se formássemos um club, uma escola de controvérsia e não um destacamento de vanguarda da classe operária, um partido de acção que se prepara para tarefas revolucionárias*». O centralismo democrático significa que a discussão inteiramente livre no Partido deve ser conduzida no quadro dos princípios marxistas-leninistas e que, por outro lado, ela deve cessar no dia em que é tomada a decisão obrigatória para todos» (M. Thorez). Só neste sentido se pode falar em «*empatar o trabalho com discussões*». Noutra sentida, não. A discussão não empata mas desenvolve.

Não há que pôr em causa o centralismo democrático: se assimilarmos bem o seu significado, constatamos que não há qualquer desarmonia no seu conteúdo. Os erros

do passado não foram possíveis por ser defeituoso o método do centralismo democrático, mas precisamente porque se não levou à prática, porque se cometeram grosseiras violações da democracia interna.

Nesta primeira parte da intervenção há também uma afirmação que não nos parece inteiramente correcta: diz-se que o «*Partido é o próprio povo*», o que não é rigoroso, porque se fosse o próprio povo já não haveria lugar para a existência do Partido. Partido, como o seu próprio nome indica, é uma parte. No caso do nosso Partido, ele é, como nos ensina Lênine, «*um destacamento de vanguarda da classe operária*», nem sequer toda a classe operária é.

**A QUESTÃO DA HUNGRIA** — Hoje, com os materiais publicados pelo nosso Partido sobre os acontecimentos da Hungria, já está dada uma resposta a muitas das perguntas formuladas nesta intervenção. Entretanto, delem-nos-emos alguns pontos.

Na apreciação deste problema, aparte muitos aspectos que são analisados com justeza, nota-se, no fundo, um abalo, um choque que provém em muito de concepções idealistas existentes.

Por outro lado, há, de certa maneira, um descarregar de culpas para cima da União Soviética — uma certa influência da campanha conduzida pela reacção internacional contra a U.R.S.S.

Assim, os erros do Partido e do Governo húngaro não foram apenas «*uma consequência do tipo de relações entre a U.R.S.S. e a Hungria e dos erros existentes na própria U.R.S.S.*». Os erros verificados na Hungria são antes de tudo erros dos próprios dirigentes húngaros, erros que se arrastaram para além da sua constatação ou que não foram constatados a tempo, apesar das lições fornecidas pelo XX.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. No caso concreto do putch contra-revolucionário, as suas causas fundamentais estão na acção das forças reacçãoárias internas e externas, na descarada e sistemática intervenção dos imperialistas na vida interna dos países de democracia popular. Os erros dos dirigentes húngaros foram também uma das causas na medida em que criaram um ambiente de descontentamento que propiciou a acção dos fascistas. Na intervenção subestima-se muito a intervenção das forças reacçãoárias, não se toma na devida conta que eles estiveram fortemente enraizados no



país e que grossos contingentes armados foram enviados do exterior. «A existência de fascistas na Hungria não explica tudo», mas explica muito do essencial e, no que se refere a massacres e a destruições próprias de verdadeiros bárbaros e criminosos, explica tudo, sim.

Cabem responsabilidades à URSS? Cabem apenas, na medida em que a União Soviética foi e continua sendo um modelo, um guia para todo o movimento operário internacional. Mas atribuir as responsabilidades à União Soviética é cairmos precisamente no mesmo erro que apontamos e queremos evitar: é fazer dos governos dos países socialistas e dos Partidos Comunistas meros imitadores irresponsáveis. Se nos colocarmos nessa posição, não estamos em condições de tirar dos erros do passado as lições que eles contêm, não estamos em condições de trabalhar para os evitar no futuro.

Em relação à atitude de certas camadas do povo húngaro que foram arrastadas para uma participação activa nos acontecimentos, a questão deve ser colocada como o camarada Janos Kadar a expôs a *L'Humanité*: essas pessoas não eram contra o socialismo e a prova é que a reacção se arrastava com palavras de ordem socialistas e de cunho revolucionário. Portanto, a população não «tomou posição negativa em face do regime» como se afirma na intervenção.

Outro ponto que é necessário salientar é a posição negativa que se reflecte na análise da situação da Hungria. Não houve só erros. Os dez anos de democracia popular não se passaram em vão: o povo húngaro trabalhou abnegadamente pelo socialismo e alcançou vitórias importantes, alcançou um nível de vida que nunca pudera nem poderia conseguir com o regime feudal e fascista. «Seremos compreendidos pelo povo — afirma J. Kadar. Ele sabe que nas questões fundamentais, na nacionalização das fábricas, na colectivização da terra, na construção socialista, a posição justa era a do Partido. Sabe que o defensor consequente do povo foi sempre o Partido».

Na análise deste, como de quaisquer outros acontecimentos, a nossa atitude tem de ser equilibrada e construtiva, uma atitude marxista-leninista frente à realidade objectiva: que o nosso coração não perturbe a lucidez dos nossos raciocínios. E animados sempre de propósitos construtivos, o camarada Kadar diz-nos: «Trata-se agora de fazer penetrar a verdade entre os trabalhadores que saem desorientados destes acontecimentos, principalmente à força de não ouírem falar sendo de erros».

A reacção não gastaria rios de dinheiro com a sua propagação por mero desporto. «Menti, que da mentira alguma coisa fica» — esta é a norma que a reacção utiliza fielmente como uma das suas principais

armas. Nessa miserável campanha de ódios e calúnias que a reacção vomitou quando dos acontecimentos da Hungria, a União Soviética aparecia como principal responsável. A influência desta campanha reflecte-se, como já dissemos, em certos pontos da intervenção chegando a perguntar-se se se foi a URSS que promoveu a formação do Governo Operário e Camponês presidido por J. Kadar e se esse governo se mantém graças ao apoio da União Soviética.

O actual governo húngaro foi formado por decisão de um grupo de dirigentes húngaros que, mercê da sua atitude enérgica, mercê do apoio que soube encontrar no povo, mercê do fraternal auxílio do exército soviético, conseguiu pôr termo à onda contra-revolucionária e salvar, assim, as mais caras conquistas socialistas do povo húngaro. O governo húngaro mantém-se com o apoio do seu próprio povo.

O Governo Operário e Camponês debate-se com muitas dificuldades? Sim, com muitas dificuldades. Só um idealista poderia pensar que, depois de ter campear à solta a mais negra reacção, depois dos graves erros do passado, se poderia sanar a situação num abrir e fechar de olhos. Essas dificuldades não podem ser motivo para apreensões. Um comunista deve estar cheio até ao mais profundo do seu ser de confiança, confiança, confiança na energia criadora do povo, na força dinamizadora e dirigente que representa o Partido, no governo cuja preocupação suprema é servir os interesses dos trabalhadores.

Relativamente aos problemas que, no final da intervenção, são levantados acerca da posição soviética em face de outros países de democracia popular e da Jugoslávia, remetemos os nossos leitores para o estudo dos seguintes materiais editados pelo nosso Partido:

— Discurso de M. Thorez (O Militante n.º 90)  
— «A propósito da experiência histórica da ditadura do proletariado» (O Militante n.º 89).

— «Pela coesão das forças socialistas na base do marxismo-leninismo» (O Militante n.º 89)

— «Uma vez mais sobre a experiência histórica da ditadura do proletariado»

Declaração de Janos Kadar

Fazemo-lo por pensarmos que nesses materiais estão condensados, numa forma clara e profunda, os ensinamentos que nos habilitam a uma compreensão justa destes problemas tão importantes.

## O PRIMEIRO INTERROGATÓRIO

É duma grande importância o primeiro interrogatório. Ele muitas vezes decide do comportamento dos militantes e da sua defesa. Em geral (ainda que isso varie segundo os casos, maior ou menor responsabilidade, circunstância da prisão, etc.) a polícia procura, logo no primeiro interrogatório, tirar o máximo do preso, aproveitar a surpresa e o choque da prisão, vencê-lo, subjugá-lo, não lhe dar tempo a pensar e a arquitectar uma defesa. A polícia procura isto para ficar com o preso na mão. O primeiro interrogatório é a primeira grande medição de forças entre o comunista preso e a polícia fascista. Do resultado dependem muito os futuros interrogatórios.

Por vezes, a polícia faz, no primeiro interrogatório, apenas uma ou duas perguntas. Diz o agente investigador: «Eu quero só que digas isto. Se me disseres poderás ir socegado». E pergunta, por exemplo, o nome dum camarada ou a quem corresponde um pseudónimo, ou a que horas e em que sítio é um encontro. Por vezes a polícia parece saber já o que te pergunta. Os polícias dizem às vezes: «Eu já sei. Mas quero ouvir da tua boca». O que tu deves pensar, camarada, é que se a polícia estivesse certa do que pergunta não insistiria tanto. Tu não lhe deves dar a confirmação do que põem ela supõe. Não o faças, camarada. E a partir do interrogatório, pensa assim: «Eu quero e hei-de ser digno do meu nome de comunista e da confiança que em mim depositam».

(Do folheto «SE FORES PRESO, CAMARADA...».)